

SEIS passos para a
CIDADE
HUMANA

© ipccic@ipccic.com.br

Direção editorial: Kathia Castilho e Solange Pelinson

Revisão: Eva Barbosa

Diagramação: IPCCIC

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S462 Seis passos para a cidade humana [recurso eletrônico] / organizado por Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais - IPCCIC. - Barueri, SP : Estação das Letras e Cores, 2019. 220 p. ; ePUB.

ISBN: 978-85-68552-99-5 (Ebook)

1. Cidades. 2. Administração pública. 3. Desenvolvimento. 4. Política. 3. Gestão. 4. Identidades. 5. Co-criação. 6. Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais – IPCCIC. I. Título.

2019-372

CDD 352

CDU 352

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Cidades : Administração pública 352
2. Cidades : Administração pública 352

Estação das Letras e Cores Editora
Av. Real, 55 - Aldeia da Serra - Barueri

06429-200 - São Paulo

Telefone 55 11 4326 8200

www.estacaolettras.com.br

www.facebook.com/estacaodasletrasecoreseditora/

SEIS passos para a CIDADE HUMANA

2019



**Estação
das Letras
e Cores**

Equipe do IPCCIC

Autores deste livro

Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa

Adriana Silva

Sandra R. Molina

Marcela Cury Petenusci

Vera Lucia Blat Migliorini

Maria de Fátima da Silva Garcia Costa de Mattos

Marlene de Cássia Trivellato Ferreira

Laura Soares Abbad

Mariah Silva Leandro Campos

Alice Ribeiro Assad Wassall

Conselho Editorial

Mônica Jaqueline de Oliveira

Marcello Alves Nakaishi

Edgard de Castro

Michelle Cartolano de Castro Ribeiro

Helena de Oliveira Rosa

João Gabriel Fernandes Manzi

Luiz Felipe Machado Muraca

Deivid Leandro Filippin Marcolino

Equipe de apoio

Ana Falcão

Nainora Maria Barbosa de Freitas

Maria Paula Fernandes de Freitas

Antonio Bernardo Torres

Sumário

Introdução	11
PASSO 1	
Ser humano em primeiro lugar	20
PASSO 2	
Cidadão cocriador	50
PASSO 3	
Sentido de comunidade	76
PASSO 4	
Religar o ser humano ao meio ambiente	106
PASSO 5	
Economia cocriadora	148
PASSO 6	
Educação em suas múltiplas formas	174
Considerações finais	203
Notas	205
Referências	220

PREFÁCIO

A expressão “cidade humana”, teoricamente, deveria ser um pleonasma, apesar de a cidade contemporânea ultrapassar a dimensão física sua e de seus habitantes, configurando-se, por vezes, como sendo tanto virtual quanto real. Na realidade, tal expressão torna-se mais necessária para reafirmar a importância do indivíduo e da comunidade dentro de um contexto urbano e metropolitano a cada dia mais alienante e desigual. A distância entre a cidade imaginada e a cidade real é, em muitos casos, enorme e impossível de ser percorrida, principalmente para os que pertencem às camadas mais desfavorecidas da população, os pobres ou – como acredito seja mais justo chamá-los – as vítimas. Vítimas de uma violência tanto estrutural e simbólica quanto real, à qual muitas vezes essas pessoas somente podem responder com a única linguagem que lhes foi ensinada: a da própria violência.

Paul Farmer, desconstruindo a relação entre saúde e sociedade, afirma que a pobreza é, hoje, a maior exterminadora, no mundo. Difícil contestar essas palavras. O que, para muitos, entre nós, é realmente difícil fazer - porque não fomos educados para isso - é associar à palavra “pobreza” outro conceito mais poderoso e perigoso, principalmente para os intelectuais e os “teóricos da humanidade”: a redistribuição da riqueza.

Não se pode falar de educação sem abordar esse tema. Não existe educação sem justiça social. Quem pensa que seja possível, é muito ingênuo, ou simplesmente cúmplice dessa injustiça.

Alguns acreditam que lidar com essa questão deve ser o papel da política e dos políticos; pelo menos é o que muitos colegas universitários afirmam, ao comentar a situação social no Brasil. Assim, eles podem continuar vivendo suas vidas de privilegiados, escondendo a própria inércia atrás da inépcia ou da desonestidade dos políticos.

A redução das desigualdades, ou seja, a primeira forma de

educação, deve ser construída em todos os níveis. É inútil – e hipócrita – condenar a desigualdade social em grande escala, num nível estadual, de país, ou mesmo planetário, quando, no cotidiano, somos atores privilegiados de uma sociedade muito desigual. Ao mesmo tempo, os que têm tempo, energia e possibilidade para refletir sobre isso, devem acompanhar a reflexão teórica com a ação prática: caso contrário, as torres de marfim poderão contar com paredes a cada dia mais sólidas...

Talvez não seja este o lugar para insistir sobre a distância enorme que existe, no Brasil, entre acadêmicos e intelectuais, de um lado, e quase a totalidade da população do outro. Todavia pergunto: Que educação pode-se esperar de um contexto – seja o brasileiro, italiano, francês, americano – em que os educadores vivem uma vida mal-educada, na sua injustiça tão evidente?

Três palavras, dentre as muitas que encontrei neste livro, atraíram minha atenção mais do que as outras: autorresponsabilidade, honestidade e gentileza. Três conceitos que me parecem ser sólidos pilares sobre os quais construir uma visão de mundo mais educada e menos pegajosa. Autorresponsabilidade, como primeiro passo de uma reeducação individual, que muito pode contribuir para a construção de um ser humano coletivo melhor. Honestidade, em primeiro lugar, consigo mesmo, para enxergar de maneira clara a nossa própria posição na sociedade e o papel que podemos ter como agentes modificadores dela. Gentileza, porque acredito ser uma componente inata do espírito brasileiro – nunca me senti tão bem tratado como durante os anos em que vivi neste lindo País – mesmo que, às vezes, os próprios brasileiros pareçam esquecer que possuem tão grande quantidade dela.

O mérito deste livro é, sem dúvida, sua cocriação como tentativa de transformar a teoria em prática e a utopia em realidade. Parafraseando Franco Basaglia, este livro é um hino ao “otimismo da prática contra o pessimismo da razão”, e o IPCCIC é o espaço/tempo urbano onde essa tentativa tornou-se realidade.

Porque o IPCCIC – além de ser uma sigla com muitas consoantes e poucas vogais – é um espaço real, vivo e produtivo. E muito mais. Em um mundo ainda prevalentemente masculino, o Instituto é um lugar de empoderamento feminino, dentro do qual atuam, quase exclusivamente, mulheres que decidiram juntar suas diferentes e complementares naturezas, competências e paixões, afim de construir uma cidade – Ribeirão Preto e, por extensão, qualquer cidade – melhor.

Apesar de o IPCCIC ser parte do contexto burguês de uma das cidades mais ricas do País – seria desonesto negá-lo – e a maioria de seus integrantes pertencendo à porção mais privilegiada da população brasileira, seus membros decidiram se envolver com e para a sociedade brasileira real. Um movimento de abertura e atenção que, supostamente, deveria ser feito para outras instituições (os representantes políticos, as universidades públicas e particulares, os museus, as grandes empresas econômicas), as quais, regularmente, perdem a ocasião de atuar positivamente na sociedade. Pois bem, o IPCCIC reivindica esse movimento como algo natural, lógico, óbvio, por parte de pessoas conscientes do privilégio que elas têm: o de participar ativamente da construção de um mundo melhor.

Michelangelo Giampaoli

Ph.D Department of Anthropology – University of Illinois at Chicago – USA

Gruppo di lavoro su Antropologia Urbana, Disuguaglianze e Salute in Brasile, Università degli Studi di Perugia – Italy

P.S. Anos atrás, visitando as terras da nação Mohawk, no Quebec, aprendi que a maioria das populações indígenas norte-americanas costumava (e ainda costuma, nos conselhos tribais) tomar todas as decisões de interesse

individual e coletivo – as duas coisas quase sempre coincidentes – respondendo a uma pergunta fundamental: Quais serão as consequências desta ou daquela decisão para as próximas sete gerações?

Decidir pensando nos filhos dos filhos dos nossos filhos: educação e cidadania voltadas para a juventude, por meio do exemplo educador. Se o futuro do mundo está nas mãos dos jovens, e o Brasil é rico em juventude, nós somos responsáveis por fornecer para esses jovens uma educação de qualidade, que não se compra nem se vende, mas se constrói investindo em honestidade, responsabilidade e participação.